



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**UMA HISTÓRIA DA CULTURA FUMAGEIRA ENTRE LAGARTO-SE E  
RIACHÃO DO DANTAS-SE NA PERSPECTIVA FEMININA**

**JOYCE CLEIDE SANTOS SANDES**

São Cristóvão

Maio/2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**UMA HISTÓRIA DA CULTURA FUMAGEIRA ENTRE LAGARTO-SE E  
RIACHÃO DO DANTAS-SE NA PERSPECTIVA FEMININA**

**JOYCE CLEIDE SANTOS SANDES**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Graduada em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão

Maio/2023

**RESUMO:** A produção de tabaco é uma atividade econômica fundamental em diversas regiões do Brasil, incluindo Riachão do Dantas e Lagarto, Sergipe. Nestas localidades, as mulheres desempenham um papel multifuncional e essencial em todas as etapas do ciclo de produção do fumo. Este estudo busca investigar a participação ativa das mulheres na lavoura do fumo, indo além das tarefas tradicionais de plantio, colheita e processamento, explorando o trabalho simbólico que permeia a figura feminina dentro do ambiente rural. A pesquisa além de analisar os desafios enfrentados por essas mulheres e as oportunidades que têm diante das complexas dinâmicas de gênero, o estudo vai destacar a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições multifacetadas das mulheres na lavoura do fumageira, reconhecendo seu valor inestimável no desenvolvimento econômico e social dessas regiões.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mulheres, Fumo, Agricultura.

**ABSTRACT:** Tobacco production is a key economic activity in several regions of Brazil, including Riachão do Dantas and Lagarto, Sergipe. In these localities, women play a multifunctional and essential role at all stages of the tobacco production cycle. This study seeks to investigate the active participation of women in tobacco farming, going beyond the traditional tasks of planting, harvesting and processing, exploring the symbolic work that permeates the female figure within the rural environment. The research, in addition to analyzing the challenges faced by these women and the opportunities they have in the face of complex gender dynamics, will highlight the need to recognize and value the multifaceted contributions of women in tobacco farming, recognizing their inestimable value in the economic and social development of these regions.

**KEYWORDS:** Women, Tobacco Agriculture.

## INTRODUÇÃO

Este presente trabalho, tem como objetivo compreender a importância das mulheres na produção do fumo, utilizando a metodologia de História Oral, que por muito tempo não foi aceita pela historiografia tradicional. No século XX, com a criação da Escola dos Annales, uma nova forma de se fazer história vai surgir, principalmente com a utilização de diversas áreas do conhecimento, como afirma Sônia Maria de Freitas<sup>1</sup>:

De abrangência multidisciplinar, ela tem sido sistematicamente utilizada por diversas áreas das ciências humanas, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Linguística, Psicologia, entre outras. O uso de fontes orais no trabalho historiográfico é cada vez mais comum. (DE FREITAS, 2006, p.18)

A produção de tabaco é uma atividade econômica fundamental em diversas regiões do Brasil, incluindo Lagarto e Riachão do Dantas, Sergipe<sup>2</sup>. Nestas localidades, as mulheres desempenham um papel multifuncional e essencial em todas as etapas do ciclo de produção do fumo. Este estudo busca investigar a participação ativa das mulheres na lavoura do fumo, indo para além das tarefas tradicionais de plantio, colheita e processamento, explorando o trabalho simbólico que permeia a figura feminina dentro do ambiente rural.

A pesquisa além de analisar os desafios enfrentados por essas mulheres e as oportunidades que têm diante das complexas dinâmicas de gênero, vai destacar a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições multifacetadas dentro da lavoura, reconhecendo seu valor inestimável no desenvolvimento econômico e social nestas regiões.

Este estudo também busca compreender as relações de dominação no meio rural através da perspectiva de gênero, na qual muitas mulheres não são reconhecidas pelas suas tarefas exercidas, principalmente enquanto trabalhadoras. Além disso, muitas mulheres são sobrecarregadas por exercerem múltiplas jornadas de trabalho, cuidando da casa, família e suas tarefas na agricultura e pecuária.

A importância deste estudo reside na necessidade de compreender as complexas dinâmicas de gênero que permeiam a produção agrícola em regiões rurais, bem como na promoção da igualdade de gênero e no reconhecimento do trabalho das mulheres nas atividades rurais. Ao lançar luz sobre o papel das mulheres na lavoura do fumo em Riachão do Dantas e Lagarto,

---

<sup>1</sup> Sonia Maria de Freitas foi uma historiadora e pesquisadora que trabalhou em museus da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, sua principal vertente de pesquisa era na área da História Social, Memória e História Oral.

<sup>2</sup> Cidades que fazem parte da região Centro-Sul de Sergipe.

esperamos contribuir para uma apreciação mais profunda de sua importância econômica e social, bem como para a implementação de políticas e práticas que valorizem e incentivem a participação das mulheres no setor agrícola.

## **MULHERES E AGRICULTURA**

No decorrer da história as mulheres foram rebaixadas à figura masculina e colocadas como seres inferiores em diversas literaturas que norteavam o princípio da conduta humana. Politicamente falando, poucas foram as figuras femininas que tiveram espaços nos centros dos jogos políticos, mesmo sendo elas significativamente importantes e ocupando os espaços cruciais para a vida dos indivíduos. Na maioria das vezes a justificativa para uma inferioridade feminina está atrelada a “inferioridade anatômica e fisiológica” que existe entre homens e mulheres, Bordieu<sup>3</sup> afirma que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente, da divisão social do trabalho. (BORDIEU, 1998, p.20)

Sobre o papel da mulher na pré-história, na obra *Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história* os autores vão dialogar sobre a construção do papel feminino no decorrer da história e contrapor com os relatos arqueológicos através de análises sobre o cotidiano dos hominídeos nos primeiros períodos da história.

As probabilidades apontam para que, uma vez que se estabeleceram papéis de gênero (e eles podem ter diferido de lugar para lugar) algumas mulheres poderiam ter sido mais talentosas e se sentido mais à vontade em papéis masculinos (como caça), enquanto homens abraçavam papéis ou funções femininas (tais como a tecelagem). Isto é comum em praticamente todas as sociedades humanas hoje conhecidas. Não só isso, mas o conceito de que no decorrer da evolução humana as mulheres jamais abateram animais ou engendraram instrumentos de pedra não é nada mais que uma afirmação improvável. (ADOVASIO; SOFFER; PAGE, 2009, p.170)

A observação de que em algumas sociedades históricas e culturas contemporâneas as mulheres podem ter assumido papéis tradicionalmente associados aos homens, como caça,

---

<sup>3</sup> Pierre Bourdieu foi sociólogo que desenvolveu grandes trabalhos nas áreas da antropologia e sociologia, na qual abordava temas como dominação, sendo um dos autores mais lidos.

enquanto os homens desempenhavam papéis considerados femininos, como a tecelagem, destaca a variabilidade das normas de gênero ao longo do tempo e do espaço. Isso desafia a noção simplista de que os papéis de gênero são fixos e universalmente aplicáveis

O patriarcalismo<sup>4</sup> se situa como um sistema de dominação histórica que vai se caracterizar de acordo com tempo e lugar. No sistema patriarcal, ocorre a institucionalização da dominação do homem com a mulher, dentro de uma sociedade hierarquizada e com regras fixas sobre a legitimidade de um poder que vai se opor a outro na perspectiva da violência de gênero.

Na sociedade capitalista, as divisões sexuais de trabalho ganham uma nova roupagem, principalmente com a inserção das mulheres no mercado de trabalho em massa após a primeira guerra mundial, na qual, pouco mudou o panorama feminina em relação a pirâmide do poder. Historicamente houve uma necessidade de não colocar as mulheres em posições de destaque, pois assim, garantiria a manutenção do poder masculino no público e privado. De acordo com Fischer (2001, p. 409) “Nem mesmo o posto de dona-de-casa ela ocupa, pois oficialmente o dono de casa é o chefe da família e este posto é geralmente ocupado pelo homem, que é também o dono da roça.”

Já as divisões sexuais do trabalho, simboliza as relações de poder que existem dentro da nossa sociedade, ressaltando as desigualdades, que coloca as mulheres como subjacentes aos homens e alimenta o sistema de poder do patriarcado, segundo Anne-Marie Devreux (2005, p.568) “A divisão sexual do poder é transversal pois, também ela, integra a relação social de sexo, conjuntamente com a divisão sexual do trabalho e a categorização do sexo.”

A dominação da figura masculina perante a feminina perpassa entre todas as esferas da sociedade, antes da industrialização, as relações de subordinação eram marcadas principalmente dentro do âmbito privado, na qual o homem exercia o papel de chefe e a mulher, subordinada as ordens do marido. De acordo com Izaura Fischer “Além da dominação na família, o patriarcalismo se afirma, portanto, como sistema de exploração que se expressa essencialmente no terreno econômico” (p.28). Esse sistema vai ser destacado principalmente do meio das relações de trabalho, onde os sistemas hierárquicos tendem a serem mais realçados, colocando as mulheres em posições inferiores diante dos homens, principalmente dentro das perspectivas da geração de lucro, causando uma dependência econômica e conseqüentemente a dependência política.

---

<sup>4</sup> Patriarcalismo é um sistema social em que os homens têm poder e autoridade dominantes, especialmente em questões familiares e sociais, resultando em desigualdade de gênero.

As mulheres do campo, foram colocadas em uma posição de inferioridade dentro das relações da dominação masculina, apenas sendo reconhecida pela única tarefa designada a função feminina, que era a procriação e o cuidado com o lar. Esse trabalho, normalmente não era considerado uma atividade importante por não possuir um valor econômico, e por conseguinte, as atividades que elas exerciam na agricultura de subsistência foram embutidas na categoria de tarefas da casa. Segundo Fischer<sup>5</sup>

Esse trabalho produtivo na terra, muitas vezes denominado de "labor," consiste em cuidar da horta, da agricultura de subsistência, da fabricação de produtos derivados da pecuária, etc. Estas atividades, socialmente, estão embutidas nas várias tarefas reconhecidas como da casa a exemplo do abastecimento d'água, da higiene e limpeza do ambiente, do preparo do alimento e do cuidado e da socialização dos filhos. (p. 412)

Essa visão patriarcal da propriedade da terra não apenas limitava o acesso das mulheres à propriedade, mas também reforçava normas de gênero que mantinham as mulheres em papéis de subordinação na sociedade. Além disso, essa ideologia patriarcal tinha implicações econômicas e sociais, já que a propriedade da terra muitas vezes determinava o status e a posição na comunidade.

Em relação as lutas no campo pela reforma agrária, as mulheres participaram ativamente com grande importância, ou seja, elas foram para além do ambiente privado e ocuparam lugares públicos em virtude dos seus ideais, mesmo sendo pouco reconhecidas em seus papéis de destaques dentro desses movimentos. Para Fischer (2001, p. 406) as mulheres lutaram ao lado dos homens em diversos movimentos sociais do campo, dentro de todas as fases e ganham destaque nas pautas pelo acesso de terras, na efetivação dos assentamentos conquistados através dos movimentos sociais do campo, além dos projetos de desenvolvimento da reforma agrária, mesmo seu reconhecimento ficando restrito no apenas no âmbito privado. O reconhecimento das mulheres como seres ativos politicamente é invisibilizado tanto dentro dos próprios movimentos sociais como pelo Estado que dentro dos planos de desenvolvimento e administração não contemplam a figura feminina na política fundiária estatal.

A dependência econômica das mulheres desempenhou um papel crucial nesse contexto. Ao manter as mulheres economicamente dependentes, o sistema patriarcal as manteve afastada das instancias de decisão e limitou suas oportunidades de participação ativa na sociedade. Essa dependência econômica criou uma dinâmica desigual, na qual as mulheres tinham pouca

---

<sup>5</sup> Izaura Rufino Fischer é graduada em economia, mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural, doutorado em

autonomia para tomar decisões importantes. Segundo Lindalva Cruz<sup>6</sup>:

Uma das estratégias para a dominação de gênero foi manter ao longo da história, a mulher completamente excluída dos espaços e das ações que davam visibilidade aos feitos humanos. O homem, então, ganhou vantagens e dominou quase sozinho os espaços públicos. Enquanto controlava a área pública, mantinha a mulher economicamente dependente. A dependência econômica foi gerando outras dependências, de modo a mantê-la longe das instâncias de decisão. Com o passar do tempo, acentuou-se, também, a dependência psicológica; daí ela passou a ser conduzida em sua trajetória de vida pelas decisões dos pais e, quando casava, pelas do marido.” (Cruz, 2013, p.59)

A dependência econômica das mulheres desempenhou um papel crucial nesse contexto. Ao manter as mulheres economicamente dependentes, o sistema patriarcal as manteve afastada das instâncias de decisão e limitou suas oportunidades de participação ativa na sociedade. Essa dependência econômica criou uma dinâmica desigual, na qual as mulheres tinham pouca autonomia para tomar decisões importantes. Ao serem mantidas financeiramente dependentes dos homens, as mulheres eram limitadas em suas opções e capacidade de tomar decisões autônomas. Esse controle econômico não apenas mantinha em uma subordinação, mas também perpetuava a desigualdade de gênero, uma vez que as oportunidades para o desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres eram severamente limitadas.

### **A CULTURA FUMAGEIRA NA HISTÓRIA DE SERGIPE**

O processo de desenvolvimento da cultura do fumo no Brasil vai ser influenciado por múltiplos fatores interligados entre si. Esses fatores incluem o contexto da colonização, o aumento do consumo interno e o crescimento das relações comerciais na Europa. Além disso, o comércio europeu desempenhou um papel crucial, uma vez que o tabaco se tornou uma mercadoria valiosa no mercado internacional, isso incentivou a produção e a exportação do fumo brasileiro.

A produção do fumo prosperou de maneira desigual em todo o Brasil, com algumas regiões se destacando devido a condições favoráveis. No entanto, o desenvolvimento da cultura do fumo em diferentes partes do país esteve intrinsecamente ligado aos fatores econômicos e sociais.

As condições climáticas ideais dessas regiões, juntamente com a capacidade de produção de pequenas propriedades agrícolas, criaram uma base sólida para o desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil, sendo o fumo um dos principais bens de produção, servindo para

---

<sup>6</sup> Lindalva Cruz é bacharel em Serviço Social, mestre em Serviço Social e doutora em sociologia.

abastecer diversas regiões na Europa.

As condições climáticas das Antilhas permitiam a produção de um certo número de artigos - como o algodão, o anil, o café e principalmente o fumo - com promissoras perspectivas nos mercados' da Europa. A produção desses artigos era compatível com o regime da pequena propriedade agrícola e permitia que as companhias colonizadoras realizassem lucros substanciais ao mesmo tempo que os governos das potências expansionistas - França e Inglaterra -viam crescer as suas milícias. (FURTADO, 2005, pp. 32-33).

Inicialmente, os colonos não tinham conhecimento sobre como cultivar o fumo, e assim adotaram as técnicas dos povos indígenas, como a derrubada e a queimada. No entanto, com o passar do tempo e a experiência adquirida na produção fumageira, as técnicas acabaram se aperfeiçoando. Contudo, através da introdução do gado no início do XVII ocorreu impacto significativo na produção, principalmente com a utilização de esterco como adubo. Nardi afirma que os conhecimentos tecnológicos dos europeus aumentaram em grande escala a produção fumageira “O conhecimento dos europeus permitiu a criação de máquinas para a fabricação dos rolos.” (NARDI, 1987, p.9)

De acordo com Nardi<sup>7</sup> (1987) No Brasil, os primeiros grupos consumidores do tabaco foram composto pelas camadas mais baixas, principalmente por colonos com baixo poder aquisitivo, até a inserção dos negros, que se tornaram adeptos ao uso desse produto colonial. A partir do século XVII, outras classes começam a introduzirem o uso em seu cotidiano, principalmente pessoas da alta classe que viviam na colônia.

Os fatores econômicos e comerciais que desenvolveram a cultura do fumo no Brasil durante o período colonial, vai destacar o fortalecimento do processo de colonização, aumentando a demanda interna e o progresso nas relações comerciais com a Europa, influenciando o aumento da produção do tabaco. À medida que os colonos ocupavam novas terras, introduziram o cultivo do fumo, tornando-o mais popular. Ademais, o progresso nas relações comerciais com a Europa, um mercado valioso para o tabaco, impulsionou a produção e a exportação desse produto no Brasil. Segundo Furtado:

O fortalecimento da colonização, o consumo Interno crescente e o progresso do comércio com a Europa permitiram o desenvolvimento da cultura do fumo. Esta começou e progrediu nas áreas onde os núcleos eram mais sólidos: Recôncavo Baiano, Sergipe do Conde e litoral pernambucano do rio São Francisco até

---

<sup>7</sup> Jean Baptiste Nardi possui doutorado em História Econômica do Brasil e é um dos maiores especialistas sobre o fumo no nordeste.

Olinda, sendo a parte mais famosa a "das Alagoas". (FURTADO, 2005, p.8-9)

A expansão do tabaco como produto comercial foi um marco importante na história colonial sergipana, ele deixou de ser apenas uma substância consumida localmente para atender às necessidades dos diferentes grupos indígenas que o cultivavam, tornando-se uma mercadoria de grande demanda no comércio exterior.

De acordo com Maria Thetis Nunes<sup>8</sup>, a transformação do tabaco, originalmente cultivado pelos povos indígenas para o consumo local, foi um produto de importância econômica fundamental no comércio colonial a partir do século XVIII. Este fenômeno não só refletiu a difusão do hábito de fumar, mas também destaca o impacto do tabaco como uma mercadoria de valor significativo nas economias coloniais.

O cultivo do fumo em Sergipe Del Rey iniciou-se com a chegada dos holandeses na região no século XVII, mas foi após a expulsão dos mesmos que o cultivo do fumo se expandiu substancialmente.

Durante o domínio dos soldados de Nassau, o gado, que escapou à pilhagem de ambos os contendores, deslocou-se para os sertões, liberando as terras próximas ao litoral, que passavam a ser ocupadas pelas plantações de fumo, produto que atingia grande valorização nos mercados internacionais, em decorrência da intensificação do comércio de escravos. (NUNES, 1989, p. 131)

Segundo Nunes (1989), o cultivo do tabaco, juntamente com a pecuária, foram elementos centrais da economia de Sergipe em um período em que a região enfrentava desafios econômicos, como a escassez de moeda circulante. Durante esse período, a produção do tabaco e a criação de gado desempenharam papéis essenciais na subsistência e no sustento da população local.

A característica da produção do fumo em Sergipe é ressaltada pela acessibilidade econômica da cultura do tabaco na região. Sobre a produção do fumo "(...) não requeria grandes investimentos porque eram rudimentares os equipamentos exigidos, tornando-se, assim, a plantação adequada aos pequenos proprietários (...) (NUNES, p.1989, p.131). O fato de não requerer grandes investimentos em máquinas complexas ou tecnologia sofisticada possibilitou que pequenos proprietários participassem ativamente desse setor. Isso, por sua vez, teve implicações na estrutura agrária da região, com a participação significativa de pequenos agricultores na produção de fumo.

A economia de Sergipe no decorrer do século VII, experimentou um declínio na produção

---

<sup>8</sup> Maria Thetis Nunes foi uma grande historiadora do estado de Sergipe e ocupava a cadeira número 39 da Academia Sergipana de Letras, foi a primeira mulher a ingressar no ensino superior do estado e professora/fundadora da Faculdade Católica de Filosofia, em 1951.

fumageira, em parte devido à incapacidade de o tabaco local competir com a produção em expansão da Bahia. A escala reduzida das propriedades e a falta de recursos para adquirir mão de obra escrava em fatores limitantes, dificultando a concorrência eficaz. Essa transição econômica resultou na substituição do cultivo de outras produções.

Com o encerramento do período colonial, o tabaco ainda fazia parte das exportações de Sergipe, porém, acabou ocorrendo uma desvalorização desse produto em virtude a outros que eram produzidos na região. Segundo Thetis Nunes (1989, p.132) “Até o fim da época colonial, o fumo permaneceu na pauta das exportações sergipanas, mas em posição secundária, suplantado pela farinha de mandioca, açúcar, couro e solas, algodão e gado.”.

A região da Vila de Lagarto vai ser destaca enquanto grande produtora de fumo durante muitos anos, e principalmente no período colonial, destaca Nunes “A vila seguiu sendo o principal centro produtor, cultivo básico das pequenas propriedades que marcaram a agricultura ali desenvolvida” (NUNES, 1989, pp. 132-133). Ou seja, manteve a sua posição como o principal centro produtor, enfatizando a importância contínua do cultivo do fumo nas pequenas propriedades que caracterizavam a agricultura na região. Essa continuidade na produção de tabaco pode ser vista como um reflexo da adaptabilidade do cultivo às condições locais e à economia de pequenos agricultores.

A produção de fumo na região de Lagarto, Sergipe vai ganhar grande destaque dentro da economia da região, principalmente no povoado colônia treze, que na década de 1960. Esse crescimento inicial coincidiu com o trabalho dos moradores nos depósitos de fumo. Essa conexão direta com a indústria do tabaco desde o início contribuiu para o estabelecimento de uma cultura da produção do fumo, destacando o papel fundamental das atividades econômicas.

A região estava crescendo, foram sendo construídas casas e implantando novas plantações, dentre as quais podemos destacar o fumo. Inicialmente os colonos trabalhavam para o então fundador da Colônia Treze, Antônio Martins de Menezes em seu depósito de fumo, devido a isso não foi difícil para os trabalhadores iniciarem uma cultura na região. (RODRIGUES E SANTOS, 2014, p.20)

À medida que o tempo avançava, a região de Lagarto passava por desenvolvimentos significativos. No entanto, a trajetória da produção foi interrompida por crises de ordem natural, como a devastadora tempestade de 1962 que destruiu uma grande parte das produções de fumo. Rodrigues e Santos destaca que as consequências dessas tempestades foram particularmente graves para os moradores, já que muitos deles viram suas casas serem destruídas, aumentando as dificuldades financeiras e suas dívidas com o Banco do Brasil. Como resultado, alguns moradores

acabaram fugindo da região para escapar das pressões financeiras.

O Banco do Brasil era o principal assessor e financiador da cooperativa como afirma Santana. Porém, a agricultura era simples e básica, e em pouco tempo os donos das terras foram arrendando suas propriedades colocando-se assim nas mãos dos latifundiários, em troca do arrendamento recebiam parte da produção, como fala um morador da Colônia Treze. As culturas que predominavam era o fumo em corda, a mandioca, o maracujá, e a laranja, sendo que os comerciantes de fumo que compravam o mesmo dos agricultores forneciam também adubo ao arrendado, torta de mamona, certa quantia em dinheiro para a manutenção da sua família e em troca exigia parte da produção. (RODRIGUES E SANTOS, 2014, p. 21)

Nesse contexto, foi criada uma dependência dos pequenos agricultores que trabalhavam com a lavoura do fumo em relação aos seus intermediários que na maioria das vezes eram comerciantes de fumo. Desempenhando um papel de dominação e subordinação, marcando as dinâmicas sociais e econômicas da região em consonância a produção fumageira na região.

## **A MULHER NA CULTURA FUMAGEIRA NA REGIÃO INTERIORANA DE LAGARTO E RIACHÃO DO DANTAS**

A história das mulheres na agricultura sempre foi para a historiografia um terreno pouco explorado, principalmente porque suas vozes foram silenciadas em virtude de um sistema que a partir de uma hierarquização, vai apagar ou pouco evidenciar os papéis de personagens considerados abaixo da verdadeira personificação de poder.

Em junho de 2023 nos municípios de Riachão do Dantas e Lagarto em Sergipe foram realizadas entrevistas com oito mulheres e a aplicação de questionários que obtiveram a respostas com a participação de 20 mulheres que trabalharam ou trabalharam em algum momento das suas vidas com a produção fumageira na região.

A metodologia utilizada foi a história Oral para a obtenção dos relatos, compreendendo as histórias dessas mulheres que trabalharam na lavoura do fumo e por muito tempo foram silenciadas. Esse movimento de valorização da oralidade vai se iniciar através da Escola dos Annales no século XX com a participação de Lucien Febvre e Marc Bloch, a sua principal característica é o rompimento de uma história tradicionalista herdada da corrente positivista, na qual vai destacar a memória enquanto uma fonte de resgate do passado não muito distante. Para Freitas “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros

procedimentos articulados entre si no registro de narrativas e experiências humanas” (FREITAS, 2006, p.18).

As perguntas foram centralizadas no cotidiano dessas lavradoras dentro da produção de fumo direta ou indiretamente, e qual a importância do papel das mulheres dentro das etapas de produção. No trabalho da produção de fumo, a entrevistada 3<sup>9</sup> ressalta a importância da mulher dentro do trabalho, afirmando: “Eu fazia parte de todo o processo do fumo, do plantar até o colher e até pra virar o fumo.” A entrevistada 7<sup>10</sup> também ressalta que além de destalar o fumo na falta de algum homem ela faz a substituição do trabalho “Na falta de algum homem nós mulheres também vamos dá fumo, dá capa, também a gente vai torcer o ‘carcanho’, tudo isso a gente também faz”. 85% das mulheres que responderam os questionários afirmaram que participavam de outras atividades dentro da produção do fumo.

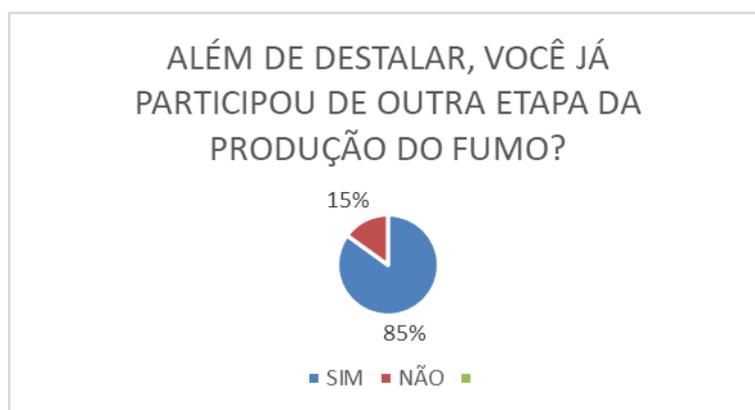


Figura 1 – dados coletados através do Google forms

Os dados da pesquisa indicam que as mulheres na lavoura do fumo exercem seu trabalho em todas as etapas da produção, refletindo a realidade de que as mulheres trabalham na produção de fumo desempenhando uma série de funções além das tradicionalmente esperadas, evidenciando como as suas contribuições para o setor são fundamentais para a manutenção da economia da família e região. Essas atividades adicionais podem incluir desde tarefas agrícolas, como plantar e colher fumo, até tarefas relacionadas a produção das bolas de fumo.

A participação feminina dentro de diversas etapas da produção fumageira é ressaltada pelas entrevistadas, desde os primeiros serviços até a produção das bolas que é a etapa final da produção do fumo dentro dos depósitos. A entrevistada 1<sup>11</sup> afirma:

<sup>9</sup> Entrevistada 3, ano do nascimento: década de 1960.

<sup>10</sup> Entrevistada 7, ano do nascimento: 1976.

<sup>11</sup> Entrevistada 1, ano do nascimento: 1966.

De manhã saía para a roça cedinho, trabalhava depois ia, tomava café e depois voltava para a roça, porque o fumo exige muito da pessoa, tem que ‘dezoia’ em oito e oito, não pode passar de ‘dezoia’, tem que limpar, tem que cortar, tem que pendurar depois seca tirar cedinho para não deixar o sol secar ele.

Muitas acordavam cedo para começarem os serviços acompanhadas de seus maridos, logo após passava o dia inteiro tirando o talo das folhas do fumo para a produção das bolas, segundo a entrevistada 5<sup>12</sup> “Depois vinha para a ceva cortar, carregar na cabeça, botar na ceva, pendurar, depois quando secasse, vinha de madrugada para a ceva tirar o talo grosso pra depois ir botar dentro de casa e destalá.” A entrevistada 7<sup>13</sup> também ressalta o trabalho diário “A gente acorda cedo, vai tirar da ceva, depois bota em casa né, junto com o marido da gente e daí seguinte é o dia todo destalando.”

Uma grande parte das mulheres que trabalham no campo fazem diversos serviços para além das tarefas domésticas, principalmente na lavoura do fumo. No questionário aplicado, 75% das mulheres afirmaram que já exerceram ou exerce outra atividade de trabalho além da produção do fumo.

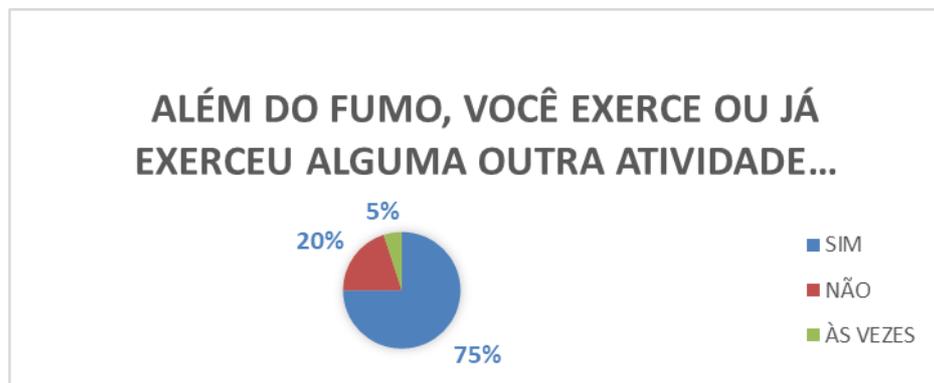


Figura 2 – dados obtidos através do Google forms.

A divisão social do trabalho é marcada pela categorização das etapas de produção dentro da sociedade, dividindo principalmente por gênero, colocando homens e mulheres em funções distintas, usando a justificativa de superioridade e subordinação para perpetuar a influência cultural do patriarcado dentro das instituições de poder. De acordo com Safiotti (1987, p.8) “a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da distribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias do sexo”. A sociedade caracteriza e delimita os papéis exercidos pelos gêneros, e muitas vezes, mulheres que

<sup>12</sup> Entrevistada 5, ano do nascimento: 1965.

<sup>13</sup> Entrevistada 7, ano do nascimento: 1966.

ocupam uma posição diferente do que é esperado, são colocadas como incapazes ou não são reconhecidas pelo seu trabalho.

A divisão sexual do trabalho que acontece dentro do âmbito rural é marcada pela participação feminina em todas as tarefas de produção, desde os cuidados domésticos até o trabalho dentro da agricultura e pecuária. Segundo a entrevistada 3: “Quando chegava de noite, ia lavar roupa, lavar prato e arrumar a casa, minha rotina era essa. E era eu com a barrigona, esperando parir na roça, trabalhando de enxada, cortando fumo, depois de noite ia parir”.

Quando questionada sobre o porquê trabalhava grávida a entrevistada 3 afirma “Era todo ano um filho, se eu não trabalhasse grávida, não trabalhava.”

O trabalho para as mulheres abrangia todos os segmentos dentro da rotina no campo, e na produção do fumo era explícito a importância feminina para a produção e para a manutenção do lar através do cuidado diário dos filhos, da casa e das atividades rurais. A rotina pesada foi destacada pela entrevistada 3: “A gente saía onze e meia pra vim esquentar a comida que cozinhou de noite, não tinha geladeira, cuidava dos filhos, dava banho na hora do lanche, cansei de botar uma candeia no arpende e de noite lavar roupa pra no outro dia cedo ir trabalhar”.

Na produção de fumo segundo as respostas do questionário, 80% afirmaram terem notado uma divisão do trabalho dentro da produção do fumo.

Lindalva Alves Cruz vai destacar que as mulheres do campo mesmo participando de atividades para além do ambiente doméstico não obtiveram reconhecimento políticos nos espaços de poder pois, “*por conseguinte, ficaram limitadas ao preparo da alimentação, ao fabrico do vestuário da família à manutenção da casa, ao cuidado dos animais de pequeno porte, da lavoura em pequena escala e à educação dos filhos.*” (CRUZ, 2013, p.60).

Através dos questionários, foi destacado que muitas mulheres na lavoura do fumo são denominadas como donas das terras que trabalham, porém, a maioria não tinha controle do dinheiro resultado final da safra do fumo. O gráfico a seguir destaca os resultados:

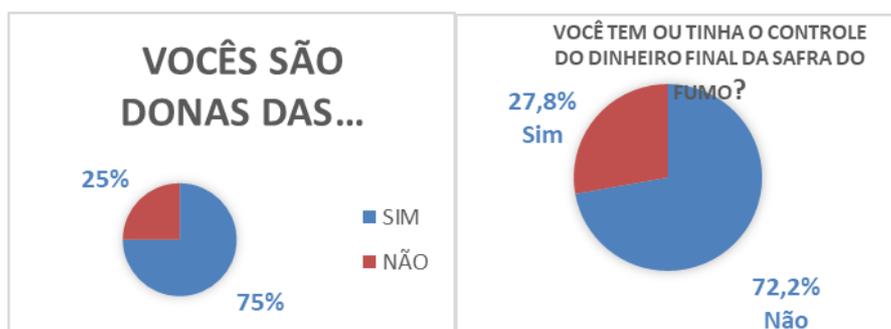


Figura 3 e 4 – obtidos através do Google forms

Em relação a educação e a produção do fumo, a entrevistada 7 afirmou que frequentava a escola pela noite, pois era o único momento que ela poderia realizar seus estudos, levando em consideração que pelo dia, passava o tempo trabalhando e não tinha como estudar em outro horário. “A gente passa o dia, né, estudava mais a noite, no tempo que eu nessa idade que eu já comecei estudava á noite, durante o dia era trabalhando, correria, saia da roça já ia tomar um banho pra ir pra escola.”

O estudo noturno era uma opção viável para tentar conciliar com o trabalho, mas o esgotamento físico resultado do dia de trabalho impactava negativamente nos rendimentos escolares. Além da falta de tempo para estudar durante o dia, a entrevistada 7 resalta as dificuldades do trabalho com a educação: “Afetava muito, porque durante o dia a gente nem tinha como estudar porque tava na tarefa da roça” O estudo também foi visto como uma possibilidade de encontrar um trabalho que pudesse fornecer uma renda maior a longo prazo e a produção do fumo como uma tarefa provisória para a entrevistada 4<sup>14</sup> “trabalhava já com o propósito de estudar pra sair daquela área, pra ter um futuro melhor.”

Atualmente, houve um declínio das mulheres trabalhadoras na produção do fumo, principalmente com a inserção feminina em massa no mercado de trabalho, possibilitando uma maior variabilidade de opções e oportunidades que antes não existiam, a entrevistada 2<sup>15</sup> destaca “porque as mulheres já se desenvolveu, já tão trabalhando fora, não querem mais está no ramo do fumo, querem já outro serviço que dê mais.” Muitas delas foram trabalhar na Capital ou na cidade de Lagarto, por serem centros urbanos mais desenvolvidos e com mais oportunidades de trabalho, o objetivo era ganhar um salário mínimo, e assim garantir uma vida mais confortável. De acordo com a entrevistada 5 “hoje as mulheres vão trabalhar em Aracaju pra ganhar um salário, vão trabalhar em Lagarto, é melhor do que no fumo.” A entrevistada 6<sup>16</sup> que passou muitos anos trabalhando destalando fumo, hoje exerce outra atividade ganhando um salário mínimo, resalta: “Então fui procurar um dinheiro melhor, que era um salário mínimo, que também hoje em dia não dá pra muita coisa, mas era melhor do que o fumo.”

Com a perda da mão de obra dessas mulheres na lavoura, a entrevistada 8 afirma que a ausência de mulheres foi o responsável pela diminuição da produção do fumo na região “muitas pessoas deixou, né, pegou emprego, as meninas daqui mesmo foi trabalhar fora, em Aracaju, pra ter mais dinheiro, porque é mais, né, por isso eles plantam menos fumo porque não tinha muitas

---

<sup>14</sup> Entrevistada 4, ano do nascimento: 2002.

<sup>15</sup> Entrevistada 2, ano do nascimento: 1990.

<sup>16</sup> Entrevistada 6, ano do nascimento: 1996.

peessoas pra destalar” Muitos homens já estão substituindo as mulheres destalando os fumos no povoado Currálinho em Lagarto, a entrevistada 2 salienta “Se eles se dedicassem, eu acho que sim, porque hoje no Currálinho as meninas não estão mais.”

Sobre se elas se sentem valorizadas pelos homens através do seu trabalho ou se eles reconhecem a importância do papel da mulher na produção do fumo a entrevistada 1 afirma: “Sem as mulheres eles não fazem fumo, e eles reconhecem.” Já a entrevistada 8<sup>17</sup> que não ganha o dia e trabalha exclusivamente com o seu marido, acredita que não existe essa valorização por partes dos homens e principalmente por não receber pelo seu trabalho: “*Porque eles acham que sei lá, as mulheres não precisam, porque se eles valorizassem, eles dava né quando chegasse o fim do ano, que acabasse ‘vou dá tanto porque fez isso, cozinhou, fez capa’ eles não fazem isso. Então acho que isso não é dar o valor.*”

No questionário foi perguntado se elas se sentem valorizadas como uma peça fundamental na produção do fumo pelos homens. Obtivendo o seguinte resultado:



Figura 3 – dados obtidos pelo Google forms.

Por fim a entrevistada 8 reitera a ideia do declínio da produção fumageira e destaca que deveriam deixar de produzir, pois além de não terem muitas mulheres disponíveis para trabalharem o valor que eles recebem pela produção é muito baixo, compensando investir em outros plantios, “Por isso era bom que acabasse mesmo, não vejo lucro, sei lá. Se fosse uma coisa que multiplicasse. Hoje os meninos vendem pimenta, tomate, fazem aquele dinheirão, e o fumo não faz isso não”.

<sup>17</sup> Entrevistada 8, ano do nascimento: 1981.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a análise aqui feita indica que a divisão do trabalho foi baseada nas relações de gêneros, é um fenômeno histórico profundamente enraizado que tem implicações significativas no reconhecimento das mulheres na sociedade. Além disso, ressalta a necessidade de questionar e desafiar essas normas de gêneros tradicionais, a fim de promover a igualdade de oportunidades e o reconhecimento justo dos trabalhos das mulheres, independentemente se elas enquadram ou não nos papéis tradicionalmente atribuída a elas.

Em síntese, a divisão histórica baseada no gênero, que foi examinada nesse contexto específico da região de Lagarto e Riachão do Dantas, Sergipe, lança luz sobre uma realidade que ecoa em muitas partes do mundo. Nesta localidade, a produção de fumo desempenha um papel significativo na economia e na cultura local, e as mulheres emergem como fundamentais nessa produção.

Como evidenciado nas entrevistas e questionários, as mulheres desempenham funções vitais em várias etapas do processo de produção do fumo, desde o plantio até o processamento. A flexibilidade e a capacidade de assumir tarefas tipicamente atribuída aos homens, são demonstradas pelas mulheres que trabalham na lavoura.

No entanto a divisão de gênero persiste como um desafio, com as expectativas tradicionais de papéis determinados pelos detentores do poder durante a história da humanidade, que colocaram as mulheres como inferiores com a justificativa biológica e fundamentalista que ainda continua a influenciar a forma como a figura feminina é percebida e tratada, principalmente dentro da agricultura. É essencial destacar que as mulheres que quebram essas normas de gênero desempenham um papel fundamental na sustentação da economia local e na preservação de tradições agrícolas. Portanto, essa análise adiciona uma camada importante à discussão sobre a participação das mulheres na produção de fumo na região. Embora elas desempenhem papéis fundamentais na produção, a falta de controle sobre os recursos financeiros resultante do trabalho que realizam representa uma forma de desigualdade de gênero arraigada. Isso ressalta a necessidade de abordar não apenas a divisão de tarefas, mas também a divisão de poder e de recursos a fim de alcançar igualdade, genuína e efetiva.

Por fim, essa pesquisa contribui para a compreensão mais aprofundada do papel das mulheres a produção fumageira na região de Lagarto e Riachão do Dantas no estado de Sergipe, destacando a diversidade de suas responsabilidades e o impacto significativo da mão de obra feminina no processo de produção. Esse tipo de investigação é fundamental para a promoção do

reconhecimento do trabalho das mulheres em setores tradicionalmente dominado por homens ao longo da história e destacar que elas sempre estiveram ali, só foram invisibilizada.

## REFERÊNCIAS

ADOVASIO, J. M.; SOFFER, O.; PAGE, J. **Sexo Invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história**. Editora Record LTDA, 2006.

CRUZ, Lindalva Alves. **Construção da cidadania das mulheres trabalhadoras rurais no Piauí**. Banco do Nordeste do Brasil, 2013.

DE FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. Editora Humanitas, 2006.

DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. **Sociedade e Estado**, v. 20, p. 561-584, 2005.

FISCHER, Izaura R. O Estado e a questão feminina na reforma agrária brasileira. **Ciência & Trópico**, v. 29, 2001.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Companhia das Letras, 2020.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo no Brasil-Colônia**. Editora brasiliense, 1987.

NUNES, Maria Thets. **Sergipe Colonial I**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

RODRIGUES, J. T. S.; DOS SANTOS, I. **Para além do plantio, da colheita a crise: a cultura fumageira na colônia treze**. IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE O CINQUENTENÁRIO DO GOLPE DE 64. Aracaju, 21 a 24 de outubro de 2014. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

SAFIOTTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.